



AS MULHERES, SEUS CORPOS E A VIOLÊNCIA NA RELIGIÃO

Silvia Geruza Fernandes Rodrigues*

RESUMO

Este artigo objetiva dissecar alguns movimentos de opressão do corpo da mulher, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que irradiam pelas igrejas cristãs, as quais continuam oprimindo as mulheres até os dias atuais através de suas doutrinas e teologias sexistas, que as desvalidam e as fazem se reconhecerem como cidadãs de segunda classe. Apesar de todas as informações teológicas e midiáticas, muitas ainda se revelam contra a quebra do endoutrinamento que receberam e continuam se subjugando ao patriarcalismo, desferindo golpes contra os movimentos feministas tanto fora quanto dentro da igreja cristã.

Palavras-chave: Mulheres; religião; cristianismo; violência; corpos; patriarcalismo; sexismo; feminismo.

WOMEN, THEIR BODIES, AND VIOLENCE IN RELIGION

ABSTRACT

This article intends to bring about some movements of oppression of the woman's body in the Old and New Testaments which still exists throughout the Christian churches nowadays oppressing women through its doctrines and sexist theologies that depreciate them and make them feel as second-class citizens on earth and in the church. Even though there is so much theological and mediatic information about patriarchy, many women still fight against breaking away from the indoctrination that they received and still submit themselves to patriarchy, persecuting the feminist movements outside and inside the Christian church.

Key-words: Women; religion; christianity; violence, bodies, patriarcalism, sexism, feminism.

* Doutora em Ciência da Religião - PUC-SP; Mestra em Ciência da Religião- UMESP



LAS MUJERES, SUS CUERPOS Y LA VIOLENCIA EN LA RELIGIÓN

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo diseccionar algunos movimientos de opresión del cuerpo de la mujer, tanto en el Antiguo como en el Nuevo Testamento, que irradian las iglesias cristianas, las cuales continúan oprimiendo a las mujeres hasta el día de hoy a través de sus doctrinas y teologías sexistas, e que las desvalorizan y parecen reconocerse como ciudadanas de segunda clase. Apesar de toda la información teológica y mediática, muchas aún se manifiestan en contra de la ruptura del adoctrinamiento que recibieron y continúan sometándose al patriarcado, dando golpes contra los movimientos feministas tanto fuera como dentro de la iglesia cristiana.

Palabras -clave: Mujer; religion; cristiandad; violência; cuerpos; patriarcalismo; sexismo; feminismo.

A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO FEMININO

A violência contra o corpo feminino passeia por toda a Bíblia, iniciando-se no livro de Gênesis no relato da queda, quando uma mulher provou a entrada na maldade no mundo. A mulher desde então encontra-se estigmatizada como enganadora, pérfida e indigna de confiança. No livro de Números 31: 9,18,32. Moisés enviara 1000 homens para a guerra contra os Midianitas e os soldados trouxeram os despojos, incluindo mulheres vivas. Moisés se indigna de que trouxeram mulheres vivas e ordena que as matem e conservem somente as virgens. A mulher era considerada propriedade da casa, do homem. Por isso, quando fala de despojos, ela também é contada como tal. No versículo 32 lemos: “Os despojos que restaram da presa tomada pelos soldados foram 675.000 ovelhas, 72.000 cabeças de gado, 61.000 jumentos, e 32.000 mulheres virgens”.

Notem que somente tiveram o direito de permanecer vivas as mulheres virgens. Questionamos o fetiche por mulheres virgens desde a Antiguidade. Conforme Yvonne Knibiehler (2016), a história da virgindade começa com a sociedade grega, que considera a virgindade feminina como um privilégio essencial da feminilidade e que a mulher intocada poderia acolher as mensagens divinas.

Vale destacar que o homem devia casar-se com uma virgem para assegurar quais crianças eram realmente suas filhas/seus filhos/ para perpetuar uma linhagem biológica, heranças e o nome.



Por sua vez, os antropólogos, que estudam o ser humano em sociedade, destacaram a dimensão social da virgindade. Outrora, ela dizia respeito às relações familiares: um homem devia desposar uma virgem para assegurar a autenticidade de sua progenitura, para saber quais crianças eram seus filhos, para que as crianças soubessem quem era seu pai. Foi a primeira razão de ser do casamento. Um homem desposava uma virgem para perpetuar uma linhagem, para transmitir de pai para filho uma herança biológica (o “sangue”), um nome, bens, poderes- uma forma de conjurar a morte, outra fantasia. As moças virgens logo se tornaram preciosos objetos de troca entre as famílias. (...) A virgindade da noiva honrava aqueles que souberam protegê-la e respeitá-la. (Yvonne KNIBIEHLER, 2016, p. 12)

Na Antiguidade as mulheres seguiam as três deusas virgens: Atena, divindade protetora das cidades, da sabedoria e das artes; Artêmis, deusa ligada à caça e Héstia, deusa do lar, da família e da arquitetura. Essas deusas eram importantes para o mundo masculino.

Assim como na época de Cristo, o exemplo de Maria como virgem trazia uma elevação moral às mulheres. As mulheres tinham duas escolhas: casar-se com um homem que traria benefícios à família, ou ir para o convento e se entregar a Deus. Para a mulher, casar-se com um esposo judeu seria a única forma de integração social, ou a melhor. “As filhas de Eva não eram mais que objetos à disposição dos homens- objeto precioso, certamente frequentemente querido e tratado com cuidado, mas sempre à mercê” (Yvonne KNIBIEHLER, 2016, p. 59).

O corpo feminino se constituía num tabu na sociedade, portanto somente poderia ser uma Maria a virgem e intocada, ou Maria Madalena, a adúltera.

Vejamos algumas passagens onde o corpo da mulher é desvalidado. Se a virgindade era tão importante na Antiguidade, por que um pai ofereceria suas duas filhas virgens aos homens da cidade para proteger dois hóspedes? Verificamos isso na narrativa de Gênesis 19: 4-8:

⁴ E, antes que se deitassem, cercaram a casa os varões daquela cidade, os varões de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros. ⁵ E chamaram Ló e disseram-lhe: Onde estão os varões que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos. ⁶ Então, saiu Ló a eles à porta, e fechou a porta atrás de si, ⁷ e disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal. ⁸ Eis aqui,



duas filhas tenho, que ainda não conheceram varão; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom for nos vossos olhos; somente nada façais a estes varões, porque por isso vieram à sombra do meu telhado. (BÍBLIA SAGRADA, 2001).

Ló sabia que se enviasse suas filhas para fora, elas poderiam ser abusadas, estupradas e até mesmo mortas e que se retornassem não teriam nenhum futuro porque não conseguiria casá-las. Mas, a lei da hospitalidade para com dois homens, era mais importante para um pai do que proteger suas filhas e lhes garantir um futuro casamento. A mulher tocada, principalmente sem casar-se, não valia nada. E, dentro da família era uma moeda de troca. Ao casar e o marido notar que não era mais virgem, ela poderia ser devolvida ao pai e este teria que devolver o dote três vezes mais.

Esse pai valorizou mais a integridade dos seus hóspedes do que das suas duas filhas, mostrando mais uma vez que a mulher não valia nada para o homem.

Em outra passagem da Bíblia, no Antigo Testamento, temos o relato cruel da entrega de uma concubina aos homens da cidade, para salvar sua própria pele. Novamente um pai oferece sua filha virgem e a concubina do hóspede. Juízes 19: 20-29:

Você é bem-vindo em minha casa”, disse o homem idoso. “Vou atendê-lo no que você precisar. Não passe a noite na praça.”²¹ E os levou para a sua casa e alimentou os jumentos. Depois de lavarem os pés, comeram e beberam alguma coisa. Quando estavam entretidos, alguns vadios da cidade cercaram a casa. Esmurrando a porta, gritaram para o homem idoso, dono da casa: “Traga para fora o homem que entrou em sua casa para que tenhamos relações com ele!”²³ O dono da casa saiu e lhes disse: “Não sejam tão perversos, meus amigos. Já que esse homem é meu hóspede, não cometam essa loucura.”²⁴ Vejam, aqui está minha filha virgem e a concubina do meu hóspede. Eu as trarei para vocês, e vocês poderão usá-las e fazer com elas o que quiserem. Mas, nada façam com esse homem, não cometam tal loucura!”²⁵ Mas os homens não quiseram ouvi-lo. Então o levita mandou a sua concubina para fora, e eles a violentaram e abusaram dela a noite toda. Ao alvorecer a deixaram.²⁶ Ao romper do dia a mulher voltou para a casa onde o seu senhor estava hospedado, caiu junto à porta e ali ficou até o dia clarear.²⁷ Quando o seu senhor se levantou de manhã, abriu a porta da casa e saiu para prosseguir viagem, lá estava



a sua concubina, caída à entrada da casa, com as mãos na soleira da porta. ²⁸ Ele lhe disse: “Levante-se, vamos!” Não houve resposta. Então o homem a pôs em seu jumento e foi para casa. ²⁹ Quando chegou, apanhou uma faca e cortou o corpo da sua concubina em doze partes, e as enviou a todas as regiões de Israel. ³⁰ Todos os que viram isso disseram: “Nunca se viu nem se fez uma coisa dessas desde o dia em que os israelitas saíram do Egito. Pensem! Reflitam! Digam o que se deve fazer!” (BÍBLIA SAGRADA, 2001).

O hóspede ainda valorizando mais a virgem do que sua própria concubina, empurra-a para fora e tranca a porta. No outro dia, chama-a para ir embora, como se nada tivesse acontecido. Mas, a concubina morrera. Ele ainda se fez de vítima e teve a coragem de esquartejá-la e enviar para as doze tribos de Israel, querendo uma resposta para se vingar. Novamente observamos a desvalidação da mulher priorizando o homem.

Quando lemos o livro de Deuterônimo capítulo 22, a partir do versículo 13 até o 27, que narra quando Moisés estabeleceu leis quanto à mulher e à “imoralidade sexual”, observamos que a mulher aparece sempre dependente do homem, quando não o pai, o noivo, marido e até mesmo o agressor. Quando a jovem se casava, deveria ser virgem, no versículo 13 se o homem a rejeitasse mentindo sobre a virgindade dela, o pai levaria o lençol ensanguentado diante dos anciãos da cidade à porta e o homem seria punido por tê-la difamado, mas, teria que ficar com a jovem para sempre. Você consegue imaginar uma jovem casada com um homem que não a queria? Uma jovem em um casamento onde o homem a difamara? Mas, se ela não fosse realmente mais virgem (vs. 20) os homens da cidade poderiam arrancá-la da casa do seu pai e era apedrejada até morrer: “assim tirarás o mal do meio de ti”. A não-virgindade era considerada um mal dentro da comunidade.

No versículo 22 Moisés instrui a apedrejar tanto o homem quanto a mulher que forem pegos em adultério, também chamando-o de um mal. Porém, no Novo Testamento vemos somente a mulher adúltera ser levada até Jesus por ter sido pega em adultério. Onde estaria o homem que se encontrava com ela? Provavelmente, a lei passou a valer na prática somente para a mulher pega em adultério.

Da mesma maneira, se uma moça virgem casada for estuprada, os dois seriam apedrejados até a morte à porta da cidade, porque (intui-se) que ela não gritou para impedir o estupro.



Outra lei terrível para a moça virgem é ter que se casar com o homem que a estuprar. (Vs. 28-29).

Essas leis não levam em conta os sentimentos e nem viam a mulher como um ser humano, e sim como uma boneca nas mãos do pai, do marido e dos agressores. Qualquer semelhança com o século XXI é mera coincidência?!

Em seminários, é comum falar de Ester como a salvadora do povo israelita e Sara como a companheira de Abraão que teve um filho na idade madura, e cujo filho foi o pai de muitas nações. Mas, raramente ouvimos sobre a violência exercida com a Rainha Vasti que não quis comparecer diante do seu marido, desejoso de exibi-la diante dos amigos, como um troféu após sete dias de muita bebida e farra. (Ester:1,2). Quando o Rei perguntou aos seus conselheiros o que fazer, o conselho foi que a expulsasse e se casasse novamente para que ela não inspirasse as outras mulheres com sua desobediência. A rainha Ester, virgem, escolhida pelo rei Assuero, personifica a esposa submissa, espiritual e humilde. “Bela, recatada e do lar”.

Sara e Hagar também sofreram violência. Ao entrar num vilarejo, Abraão, considerado um dos homens de Deus na narrativa Bíblica, mentiu fingindo que Sara (que era mulher bonita) era sua irmã. O Faraó a tomou e, quando soube que ela era na verdade mulher de Abraão, a devolveu. Mais uma vez vemos a mulher se submeter à vontade do homem, que não hesitou em cedê-la a outro homem para salvar sua própria pele. Quanto a Hagar, sofreu violência tanto de Abraão quanto de Sara.

Sara deu Hagar, sua serva, a Abraão para deitar-se com ela e lhe dar um filho. Mas, o ciúme e a inveja de não ter o filho que Deus lhe prometera, a fez maltratar Hagar. Quando teve seu próprio filho exigiu que Abraão enviasse Hagar e seu filho, Ismael, para o deserto. E assim ele fez, sem se preocupar se o filho e a mãe sobreviveriam.

Em muitas das narrativas bíblicas vemos a exploração do corpo da mulher, sua submissão e o poder do homem sobre ela, tal como na sociedade.

A violência contra os corpos e o psicológico das mulheres permanece até hoje. Carl Gustav Jung (2000) chama esse fenômeno de inconsciente coletivo. Imputaram à mulher a ideia subjacente de que são inferiores, frágeis e indignas de respeito. Durante a Idade Média tornou-se hábito as adolescentes serem raptadas e obrigadas a se casar com seus sequestradores. Até hoje no Quirguistão (país de maioria



islâmica), um terço dos casamentos são realizados com o sequestro da noiva e a maioria delas é estuprada na noite de núpcias.

A cultura forma nossas crenças. Segundo Gloria Anzaldúa (1999) “a cultura é feita por aqueles que estão no poder – os homens. Os homens fazem as regras e as leis e as mulheres as transmitem” (Gloria ANZALDÚA, 1999, p. 38). Muitas mães e sogras ensinaram seus filhos a baterem nas suas esposas se não lhes obedecesse, por terem expectativas de que seus maridos a ajudassem com as crianças e o trabalho doméstico ou por querer ser mais do que somente dona de casa. O filósofo Jean Jacques Rousseau (1973) no seu livro *Emílio* descreve a mulher como frágil, e por isso deve aprender, desde sua mais tenra idade, a ter pouca liberdade, a aprender a amar a vida doméstica. Para Rousseau (1973), a mulher torna-se mais bela e encantadora quando passa uma vida dentro da moralidade que lhes cabe: ser esposa, mãe e dona de casa. “Bela, recatada e do lar”. (Jean Jacques ROUSSEAU, 1973).

No livro de Gênesis:34:1-34 lemos a história trágica do estupro de Diná. O estuprador se apaixonou por ela, aparentemente, e propôs se casar com ela. Não contaremos a história toda, mas o ponto importante é que quando os rabinos contaram essa história mais tarde, propuseram que a curiosidade de Diná seria a causa do início de todo o drama. Mais uma vez, a vítima foi acusada como causadora do desastre. Por isso, os rabinos recomendaram “que as meninas e as mulheres ficassem trancadas em um espaço pequeno e fechado: cabia a elas dissimular seu charme para prevenir qualquer tipo de sedução. O uso do véu se impõe pouco a pouco”. (Yvonne KENIEBIEHLER, 2016, p. 63).

Se na sociedade antiga a vítima era a culpada e o agressor desculpado, na atual o padrão se repete. Não são poucas as vezes em que as mulheres, ao denunciar o estupro ou abuso sexual, sejam questionadas quanto à sua aparência, ao uso da roupa, ao tipo de local frequentado ou ao seu comportamento anterior.

Quanto à mulher ser o sexo frágil, por isso necessita ser protegida pelo pai, pelo marido e pelos filhos do sexo masculino, Nicole Pellegrin (2010) ao descrever a história do corpo na França, pontua que os filhos que se tornaram escritores-hagiógrafos de suas mães, as descrevem como uma imagem paradisíaca de uma infância rural quando elas se constituem jardineiras, pecuaristas, e praticam atividades na colheita, na fiação e, ainda por cima, as suas “tarefas habituais de manutenção das forças (re)produtivas do lar” (Nicole PELLEGRIN, 2010, p. 157).



Muitas vezes se esquece que essas tarefas exigem uma força física e uma resistência pouco comuns: é o caso das grandes faxinas e de trabalhos excepcionais na cozinha (por exemplo, quando se mata porco, na época da colheita quando é preciso preparar muitas refeições, ou em caso de núpcias etc.), mas também para fazer a massa do pão e preparar a ração para os animais e a comida para os homens todo dia. O tamanho dos caldeirões e das frigideiras aos quais sistemas complexos tentam dar algum manejo (...) mostra que as tarefas culinárias são, mesmo no cotidiano, uma atividade em que o corpo inteiro, jamais em repouso (nem à mesa, onde só estão os maridos” diz Prion), é posto à prova rude (Nicole PELLEGRIN, 2010, p. 158).

Essas mulheres francesas tinham que ser muito fortes para conseguirem fazer tanto o trabalho de plantar, colher, fiar, como o de cuidar da casa e da cozinha.

Quando falamos do inconsciente coletivo observamos que, até hoje no interior do nordeste, as mulheres de pastores continuam com a luta de cozinhar para todo aquele que adentra à sua casa, sem avisar, e depois que todos comem, inclusive o marido, ela se senta, cansada, para comer sozinha.

O uso da mulher como moeda de troca prosseguiu na Europa dos séculos XVII e XVIII. Para a mulher se casar havia duas possibilidades: a primeira era os pais e amigos do jovem ou da jovem selecionarem um cônjuge, muitas vezes com a ajuda de um mediador profissional (também um costume judaico), e depois de avaliar meticulosamente as perspectivas financeiras do candidato e sua família, faziam um acordo estabelecido entre as famílias dos dois candidatos. Os dois se encontravam e, se dessem certo, teriam um casamento solene. Mas, para a classe rica, a iniciativa era do homem. Se ele se interessasse por uma jovem em alguma reunião social, procuraria sua família e pediria permissão para cortejá-la. Ali também a situação financeira era avaliada. Geralmente, os jovens podiam se encontrar discretamente, sem vigilância, e manter em segredo suas primeiras relações. (Sarah F. Mathews GRIECO, 2010).

A violência e a subjugação da mulher na sociedade nos mostram que as mulheres teriam que permanecer virgens, enquanto os homens eram levados a prostíbulos para serem iniciados na vida sexual. Na Roma e Grécia Antiga, os jovens eram iniciados por seus tutores, na maioria das vezes. O padrão era duplo no relacionamento conjugal. Restrições morais eram mais rigorosas sobre as mulheres (e ainda são na atualidade) do que sobre os maridos.



AS MULHERES, O CORPO E A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

Essa ideia da fragilidade, inferioridade e objetificação das mulheres perpassou os séculos.

Do fim da Idade Média ao fim do século XVIII, o estupro era principalmente considerado com um crime contra a propriedade, pois o corpo de uma mulher pertencia a seu pai se ela fosse virgem, a seu marido se fosse casada, e a Cristo se fosse religiosa. Se uma jovem núbil perdesse sua virgindade, seu valor no mercado do casamento era severamente diminuído, ao passo que, se uma esposa fosse violada, era a honra de seu marido que era atacada. Muitas vezes, a violência física e o roubo estavam associados ao estupro, recebendo em geral mais atenção da parte dos tribunais e punições mais severas – do que a própria agressão sexual. (...) O estupro era o produto de uma cultura na qual as mulheres eram consideradas não apenas inferiores aos homens, mas também simplesmente, como seres que estão neste mundo só para satisfazer as necessidades do sexo forte, sobretudo se elas são de uma situação social modesta (Sara F. Mathews GRIECO, 2010, p. 259).

Somente no Século XVIII na França o estupro foi qualificado de crime contra a pessoa, em vez de crime contra a propriedade.

Na sociedade atual, no Brasil, muitas vezes ainda vemos a desonra recair sobre a vítima e não sobre o agressor. No século XX as mulheres no Brasil ainda tinham que pedir permissão ao marido para trabalhar. Ainda se espera da mulher que fique em casa cuidando dos filhos e da cozinha. Por isso a famosa frase feminista; “O lugar da mulher é onde ela quiser”. Não surpreende o movimento antifeminista na sociedade e principalmente nas igrejas evangélicas. O homem não deseja perder seu domínio sobre as mulheres e suas regalias de serem servidos.

A violência contra as mulheres na sociedade se mostra com o ideário masculino de que a mulher, este ser inferior, deve se submeter às suas regras. O imaginário de que a primeira mulher trouxe todos os males ao mundo (segundo a narrativa cristã e a mitologia grega) e a ênfase dos primeiros pais da Igreja sobre a maldade, sedução, engano e fragilidade da mulher, acompanham a sociedade e a igreja através dos séculos, tornando-as vulneráveis diante da violência tanto física, quanto social e psicológica.

Freud (2010) afirma que o cristianismo não incentivou o ser humano a gratificar seu prazer e sim a sacrificar. Ele conectou a histeria à



moral rígida vigente. Para ele, a neurose era fruto da religião dominante. Se os cristãos deveriam renunciar ao prazer e sacrificar seus desejos, as mulheres, segundo Luiza Tomita, foram as mais sacrificadas, porque nasceram para servir, casar-se e ser mãe (Luiza TOMITA, 2006, p. 149).

Nos meados do século XX revistas aconselhavam as mulheres a serem boas donas de casa e a suprir as necessidades do seu marido. Vejamos o que se esperava da mulher na publicação da revista O Cruzeiro em abril de 1960:

A felicidade conjugal nasce da compreensão e da mútua solicitude entre os esposos. E da mútua solicitude entre os esposos. Em uma união feliz, os cônjuges se complementam, porque cada um tem o seu papel naturalmente definido no casamento. E de acordo com esse papel natural chegamos a acreditar que cabe à mulher maior parcela na felicidade do casal; porque a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma espécie de sociedade matrimonial poderia sobreviver bem. Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais (Mary DEL PRIORE, 2020, p. 188).

O *Jornal das Moças* de 1955 explicita que a missão da mulher no mundo era a de completar o homem. Segundo o editor, o homem é o empreendedor, o forte e imaginoso, enquanto ela seria sua fonte de energia, inspiração, animando-o, confortando-o. Por isso, aconselhou as esposas a:

Não telefone para o escritório dele para discutir frivolidades
Não se precipite a abraçá-lo quando ele começa a ler o jornal
Não lhe peça para levá-la ao cinema quando ele está cansado.
Não lhe peça para receber pessoas quando não está disposto.
Não roube do seu marido certos prazeres, mesmo que eles a contrariem, como fumar charuto ou deixar a luz do quarto acesa para ler antes de dormir. (Mary DEL PRIORE, 2020, p. 189).

No *ethos* cristão, não importa que a Mulher Samaritana tenha sido a primeira a anunciar que Jesus era o Messias. Não importa que Jesus se sentara com Marta e Maria e adentrara o átrio e repreendeu Marta por não querer que Maria se sentasse aos seus pés aprendendo sobre o Reino. Não importa que Jesus tenha primeiro aparecido a Maria Madalena, aquela que insistiam em apelidar de Madalena, “a de quem havia



sido expulso sete demônios” (Lucas 8:2). Não importa toda a valorização que Jesus deu quebrando regras e conversando com as mulheres, valorizando-as em inúmeras oportunidades. A narrativa dominante continua a da mulher pura, mãe, ajudadora do homem e complementar, sempre a serviço do outro.

Os movimentos feministas chegaram para romper os grilhões da violência religiosa. A desconstrução de que a mulher é esse ser inferior, incapaz, frágil, enganador e, portanto, digno de exercer qualquer dom ou qualquer vocação que recebeu de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a suposta fragilidade da mulher já foi reprovada pela ciência. De acordo com estudos científicos, a mulher no mundo inteiro vive mais tempo que o homem. No Brasil as mulheres vivem de 7 a 10 anos mais do que o homem.¹ A psicologia provou que a mulher é multifuncional. Ela consegue exercer várias tarefas ao mesmo tempo, diferentemente do homem que se perde ao receber duas tarefas ao mesmo tempo. As distinções entre homem e mulher têm desaparecido ao longo dos anos e do avanço da ciência e de pesquisas sobre ambos. A desconstrução dos versículos “do horror” e a interpretação crítica histórica têm provado que a mulher foi criada por Deus para ser sua imagem e semelhança, tanto quanto o homem.

Os teólogos fundamentalistas necessitam repensar seus pressupostos e se resignarem a viver em igualdade com a mulher, que veio para ser sua parceira, não sua serva e que Deus as quer envolvidas em todas as áreas da igreja e da sociedade como igual, não inferior.

Concluo com a meditação na letra de James Brown: This is a man’s world- Este é o mundo masculino (tradução livre da autora)²

This is a man’s world, this is a man’s world.
But it wouldn’t be nothing, nothing without a woman or a girl.
You see, man made the cars to take us over the road.
Man made the train to carry the heavy load
Man made electric light to take us out of the dark
Man made the boat for the water, like Noah made the ark.
This is a man’s, man’s, man’s world

¹ Expectativa de vida: por que as mulheres vivem mais do que os homens?
Este é um mundo masculino, este é um mundo masculino



But it wouldn't be nothing, nothing without a woman or a girl.
Man thinks about our little bitty baby girls and our baby boys
Man made them happy, 'cause man made them toys
And after man make everything, everything he can
You know that man makes money, to buy from other man.
This is a man's world
But it wouldn't be nothing, nothing, not one little thing, without a
woman or a girl
He's lost in the wilderness
He's lost in bitterness, he's lost lost.³

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands- La Frontera -the new mestiza**. San Francisco, CA: Aunt Lute Books; 1999.

BÍBLIA SAGRADA, Nova Versão Internacional, NVI, Versão Original em inglês, São Paulo, Editora Vida, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras- Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

Expectativa de vida: por que as mulheres vivem mais do que os homens? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47132888> . Acesso em 05/06/2023

3 Mas, não seria nada, nada sem uma mulher ou uma garota
Você sabe, o homem fez os carros para nos levar pela estrada
O homem fez o trem para levar cargas pesadas
O homem fez a luz elétrica para nos tirar do escuro
O homem fez o barco para a água, assim como Noé fez a arca
Este é um mundo masculino, masculino,
Este é um mundo masculino
Mas, ele não seria nada, nada sem uma mulher ou uma garota
O homem pensa nas nossas garotinhas, ou nos garotinhos
O homem os faz felizes porque faz deles brinquedos
E depois de fazer tudo, tudo que ele pode
Você sabe, o homem faz dinheiro para comprar de outros homens
Este é um mundo masculino
Mas não seria nada, nada, nadinha sem uma mulher ou uma garota
Ele está perdido na selva
Ele está perdido na amargura. Ele está perdido
Mas não seria nada, nada, nadinha sem uma mulher ou uma garota
Ele está perdido na selva
Ele está perdido na amargura. Ele está perdido.



GRIECO, Sara F. Matthews. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain. et al. **História do Corpo I**. Da Renascença às Luzes. 4ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre, RS, LPM editores, 2010

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e **o inconsciente coletivo**. [tradução. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2000.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. São Paulo: Contexto, 2016.

PELLEGRIN, Nicole. Corpo do comum, usos comuns do corpo. In: CORBIN, Alain. et al. **História do Corpo I**. Da Renascença às Luzes. 4ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010.

ROUSSEAU, Jean -Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

TOMITA, Luiza E. O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. In: DUARTE DE SOUZA, Sandra (org.). **Gênero e religião no Brasil**- Ensaio Feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

Submetido em: 11-6-2023

Aceito em: 15-6-2023